

1) O tema de Arte e identidade é vasto e traz à tona problemáticas da sociedade atual. Não é recente a imposição de padrões. Desde a Antiguidade se discutia se haveria modelos melhores a se buscar. O que antes abrangia o campo da moralidade (Platão já dizia que havia modelos de homens, sistema de governos, etc, adequados), hoje se enquadra mais no campo da imagem, da estética e da cultura.

Esta em voga questionamentos a respeito de representatividade, do padrão que se cultiva na moda, nos relacionamentos, na esfera do trabalho, dos papéis masculino e feminino. Tudo isso se questiona e a arte tem um papel fundamental.

É a partir dela que temos acesso ao passado para questioná-lo e aprender com os erros para mudar o presente e melhorar o futuro. É com ela a Arte, que acessamos as pessoas e tentamos fazê-las refletir sobre suas ações e concepções. É com ela que construímos novos e mais amplos padrões.

Stuart Hall no livro "A identidade cultural na pós-modernidade", coloca que há diferentes tipos de identidades de acordo com os sujeitos que organiza historicamente e comenta que a identidade pós-moderna com a globalização se tornou um conceito mais fluido e difícil de definir. É uma "celebração móvel", pois o sujeito assume diversas identidades.

Com essa concepção, podemos entender que essas questões com representatividade, quem se é, padrões injustos e impostos arbitrariamente vêm combater problemas cujas raízes se sustentam no etnocentrismo, na "mania" do ser humano de achar que o seu "jeito", o seu povo, a sua forma e lugar são melhores. Isso é fruto de três coisas: ignorância, egoísmo e medo do novo, do diferente. Para combatê-las há que buscar um conhecimento sobre si mesma, sobre o mundo e suas múltiplas formas e saberes.

2) Frederico Morais em "Contra a Arte Afrente: o corpo é o motor da obra", nos dá uma chave de entendimento da arte contemporânea muito interessante: a obra se "liberta", agora é um acontecimento que o artista passa a provocar. O que mais importa então é a vivência. Na pós-modernidade, Morais

9
dig, a arte se "reduz à vida, negando o conceito de obra" (estável).

É interessante relacionar esse conceito com artistas que criticam e debatem temas relacionados à raça-étnia. Alguns se importam em registrar e perpetuar a obra, fazendo dela o que Moraes chama de vivência e ao mesmo tempo produzindo memórias e registros.

É o caso de Shirin Neshat, uma artista iraniana que escreve em seu próprio corpo sobre a história da discriminação da mulher no Islã.

Peter Brook, um artista que trabalha no campo do teatro, defende que para se construir personagens há que unir o texto com as experiências próprias dos atores. Uma de suas peças foi Hamlet com um ator negro no papel principal, unindo a construção de uma peça clássica com questões de questões étnicas do e no teatro.

Observar essas obras, conceber novas imagens e conceitos, refletir sobre poderes, modelos e hegemonias, são passos fundamentais para reconstruir o imaginário social e incluir grupos tidos como minorias e marginalizados como tais.

Se Jung estava certo a respeito do inconsciente coletivo, há que trabalhar mais para que tal inconsciente abarque todos os grupos, não apenas os que no momento se colocam como soberanos. Dessa maneira, gradativamente podemos alterar a maneira como vemos o passado, para melhorar a forma como lidamos com o presente.

3) Atualmente temos por lei o direito e o dever de aprender na escola a história, cultura, formas de se estruturar e pensar de diversos povos. É entendido que não há cultura melhor do que a outra e que por isso devemos aprender sobre todas que influenciam direta ou indiretamente o "povo brasileiro".

Na prática, isso fica sendo deturpado com a ideia que devemos aprender a história do Brasil a partir da chegada dos Portugueses, por exemplo, e o tema dos índios fica reservado para o "Dia do Índio". Até na maneira de passar o conteúdo fica clara essa diferenciação, já que em muitos lugares é chamado esse acontecimento de "Descobrimento do Brasil", como se antes a terra (que hoje é chamada de Brasil não tivesse sido

descoberta, ou fosse habitada.

A proposta do "Dia do Índio" ou do "Dia de Consciência Negra" são bons exemplos de tentativas que surgiram de uma necessidade real, mas que o modo como tratamos dessa necessidade ainda é superficial e ineficaz.

Lidar com o estudo dessas culturas e povos tão ricos e complexos como puramente folclóricos e matar lentamente a concepção de culturas ainda vivas e pulsantes no "Povo Brasileiro"; e criar uma falsa aproximação cultural pois dessa maneira não integramos ou entendemos até que ponto elas fazem parte da nossa história, da nossa maneira de pensar. É sem esse entendimento, ficamos sempre sem conhecer uma parte de nós.